

PRINCE DANIELE CIPRIANO ROCHA

Flanar pela Rua Augusta: Ensaio Fotográfico

CELACC/ECA-USP
2013

PRINCE DANIELE CIPRIANO ROCHA

Flanar pela Rua Augusta: Ensaio Fotográfico

Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, produzido sob orientação do professor Wilton Garcia

Flanar pela Rua Augusta: Ensaio Fotográfico

Prince Daniele Cipriano Rocha¹

Resumo: Este trabalho apresenta uma produção fotográfica que aborda questões poéticas e teóricas sobre como ocorre a convivência de pessoas com características variadas na cidade de São Paulo, especificamente, na noite da rua Augusta. Para tanto, foram realizadas saídas fotográficas por esta rua, em diferentes datas. A metodologia destaca a importância da dimensão expressiva da imagem fotográfica. Trata-se de estabelecer um campo de relações e referências para um projeto artístico em que está em questão uma série de experiências estéticas em ligação com retratos obtidos pelo *flanar*, com a finalidade de vivenciar uma paisagem noturna, captando inúmeras imagens durante esta experiência.

Palavras-chave: São Paulo, Rua Augusta, entretenimento noturno, fotografia, retrato.

Abstract: This work introduces a photographic production that addresses poetical and theoretical questions about how people with different characteristics coexist in the city of São Paulo, specially at the night of Augusta street. To do that, photographic outputs were held across the street, at different dates. The methodology outstands the importance of the expressive dimension of the photography. The aim is to establish a field of relationships and referrals for an art project that discuss a serie of aesthetical experiences connected with portraits made by the act of strolling through the night at Augusta street, with the purpose of experiencing a night landscape, capturing numerous images during the experience.

Keywords: São Paulo, Augusta street, night entertainment, photography, portrait.

Resumen: Este trabajo presenta una producción fotográfica, abordando cuestiones poéticas y teóricas acerca de cómo ocurre la convivencia de personas de características distintas en la ciudad de São Paulo, específicamente, en la noche de la calle Augusta. Por lo tanto, se realizaron salidas fotográficas por esta calle, en diferentes fechas. La metodología destaca la importancia de la dimensión expresiva de la imagen fotográfica. Trata-se de establecer un campo de relaciones y referencias para un proyecto artístico, en el que está en cuestión una serie de experiencias estéticas relacionadas a los retratos obtenidos por el *flanar* por la noche de la calle Augusta, con la finalidad de experimentar un paisaje nocturno, captando inúmeras imágenes durante esta experiencia.

Palabras-clave: São Paulo, Calle Augusta, entretenimiento nocturno, fotografía, retrato.

¹ Artista visual formada em Artes Visuais na Universidade Federal da Paraíba, em 2010. Premiada no 23º Salão de Artes Plásticas da Paraíba – SAMAP, em 2010. Participou de muitas exposições de arte coletivas e individuais e atualmente trabalha como professor de Artes. Pós-graduanda no curso de Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, realizando o seu trabalho final sob orientação do professor Wilton Garcia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1 PÓS-MODERNIDADE, SÃO PAULO E RUA AUGUSTA: MÚLTIPLAS IDENTIDADES.....	6
2 A FOTOGRAFIA COMO REGISTRO DE REALIDADE.....	10
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

INTRODUÇÃO

A vida noturna paulistana é um atrativo turístico, parte obrigatória do roteiro de visitação dos que vêm a negócio ou lazer. Um público cada vez maior, proveniente das cidades do interior de São Paulo e de outros estados brasileiros, deseja conhecer o que suas cidades não oferecem (LEONARDE, 2011). Nas horas de lazer, a Rua Augusta tem sido um dos principais locais escolhidos, por conta do seu entretenimento noturno e da sua variedade de atrações, que reúne pessoas de diferentes culturas, idades e classes sociais.

Para pensar sobre como ocorre a convivência de pessoas com características variadas neste espaço, foram realizadas as saídas fotográficas pela R. Augusta, em diferentes dias e horários, mas sempre à noite, quando a maioria das pessoas costuma dispor de tempo livre, sem as obrigações e as restrições do horário de trabalho. Para que não houvesse condicionamento por parte da fotógrafa, optou-se pelo uso de uma prática comum no início do século XX, a do flâneur, que consiste em caminhar pela cidade e deixar-se levar por ela.

A partir desta experiência, foi analisado o contexto teórico, tendo como referência textos como *Identidade Cultural na Pós-modernidade*, de Stuart Hall, e *Modernidade Líquida*, de Zygmunt Bauman, para refletir sobre o sujeito e a sociedade pós-moderna; *O Pintor da Vida Moderna*, de Charles Baudelaire, como metodologia para o estudo de campo, baseada no caminhar e experienciar a cidade, e *A Câmara Clara*, de Roland Barthes, como marco teórico para compreender o processo de tirar fotos de pessoas, explicando o quanto cada foto é única, e é resultado de diversos fatores.

Dessa forma espera-se contribuir com reflexões sobre a cidade e a sua dinâmica social, além de apresentar um olhar sobre a Rua Augusta e as pessoas que passaram por ela, compartilhando vida com a fotógrafa e pesquisadora.

1 PÓS-MODERNIDADE, SÃO PAULO E A RUA AUGUSTA: MÚLTIPLAS IDENTIDADES

Atualmente, uma pessoa não tem características fixas, ou uma identidade permanente,

pois cada um pode entrar em contato com culturas diversas, viajando ou consultando sites de outros países. De acordo com Stuart Hall, em *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, o sujeito contemporâneo é fragmentado: não tem mais uma identidade "nata", como o sujeito do Iluminismo, e também não depende tanto do meio onde nasceu para desenvolver a sua identidade, como o sujeito sociológico. Para ele, o sujeito pós-moderno:

assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006: p. 13)

Segundo o autor, na contemporaneidade passa a existir uma multiplicidade de identidades, principalmente com a globalização:

A 'globalização' se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. (2006 *apud* McGREW, 1992)

Nesse contexto, Zygmunt Bauman, um dos sociólogos mais respeitados da atualidade, em *Modernidade Líquida*, associa a sociedade contemporânea às propriedades fluidas de um líquido. Para o autor:

Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas "por um momento". Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; ao descrever os fluidos, deixar o tempo de fora seria um grave erro. Descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas. (BAUMAN, 2001: p. 8)

Assim, devido às contínuas mudanças que ocorrem no indivíduo e no mundo, a sociedade contemporânea poderia ser caracterizada como líquida, sem uma forma concreta e sempre se remodelando, adquirindo novas configurações.

Stuart Hall, considerando a sociedade moderna como um conjunto formado por

indivíduos de identidades variadas, aponta três caminhos: ou vai ocorrer maior integração entre as pessoas, ou as minorias sociais sofrerão preconceito ou haverá uma coexistência de identidades, que vai se caracterizar por grupos sociais de diferentes valores, que conseguem conviver respeitando o espaço do outro.

O crescimento global do consumo de entretenimento noturno pode ser explicado, por hipótese, como também sendo produto da globalização que, por meio da sociedade em rede, propaga um estilo de vida urbano, cosmopolita, alterando o conteúdo simbólico da identidade das metrópoles globais, as quais passam a ter no entretenimento noturno um de seus elementos culturais identitários (LEONARDE, 2011: p.11).

1.1 A cidade de São Paulo

Segundo (LEONARDE, 2011: p.9) desde fins do século XIX o projeto de liderança econômica e política em São Paulo somou-se ao cultural: equipamentos como teatros, grandes salas de cinemas, instituições culturais, como escolas e liceus de arte, universidades, museus, inúmeros movimentos e manifestações culturais, como a Semana de Arte Moderna de 22 e mais recentemente, a Virada Cultural, e a efervescente vida noturna em bairros boêmios habitados por intelectuais e artistas colocaram a cidade na vanguarda da produção e difusão da cultura no Brasil. A São Paulo moderna, do progresso tecnológico e econômico, projetou sua identidade de cidade cosmopolita, como Nova Iorque ou Paris, por meio da cultura e de sua vida noturna, que assumiram papel determinante como conteúdo simbólico em sua identidade. Nesse mesmo sentido, Sevcenko afirma:

A cidade de São Paulo adquiriu, principalmente a partir do século XIX, a imagem de cidade cosmopolita, com forte ênfase em seu poder industrial, seu acelerado crescimento urbano, sua diversificada população formada por imigrantes e sua vanguarda intelectual, responsável por uma importante produção cultural. (SEVCENKO, 1992)

A indústria, o centro financeiro e comercial, ainda é parte importante da identidade da cidade, mas a vida noturna e o entretenimento noturno, em um longo processo iniciado nas primeiras décadas do século XX, estão sendo incorporados à multiplicidade de identidades da

cidade. Na definição da identidade do paulistano, além do desejo de vivenciar a experiência de um época, é preciso considerar o sentimento de pertencimento. Ser paulistano é estabelecer alguma relação com a noite da cidade, e o desejo de fruir o entretenimento noturno ganha cada vez mais peso. Prova dessa relação está no aumento da importância para a economia da cidade dos negócios relacionados ao entretenimento noturno (LEONARDE, 2011: p.11).

Uma das metrópoles mais populosas do mundo, com 11,2 milhões de habitantes, e o centro financeiro do país, São Paulo recebe 90 mil eventos por ano, além de oferecer mais de 180 teatros e casas de espetáculos, 110 museus, 280 salas de cinema e dezenas de centros culturais, galerias e festas populares. (SÃO PAULO TURISMO, 2012: p.4-18). Isto significa que, se antes a cidade era cosmopolita por reunir pessoas de diferentes origens, atraídas pelo desenvolvimento econômico da cidade, hoje também oferece opções culturais, gastronômicas e de entretenimento que atraem turistas e curiosos que desejam experimentar essa cidade que tem um pouco de tudo e atende a todos os gostos.

Para ilustrar, a cidade atualmente apresenta um evento a cada seis minutos, gerando uma média de duzentos e cinquenta eventos por dia, é o maior destino de eventos internacionais do Brasil e está entre os Top 25 destinos para eventos no mundo. (SÃO PAULO TURISMO, 2012: p. 20). Essa característica da cidade, de incorporar diferentes culturas, torna São Paulo ideal para o objetivo desse artigo, de estudar como acontece o convívio de diferentes identidades, numa época de “sujeitos fragmentados”. Muitos que vêm à cidade querem conhecer a noite paulistana e a sua variedade de opções de entretenimento noturno, e os próprios paulistanos também desejam aproveitar o que a sua cidade oferece de melhor.

Para estudar como acontece essa *dialética de identidades* (HALL, 2006), escolheu-se vivenciar o entretenimento noturno da cidade a partir de um dos destinos paulistanos mais procurados, que é a Rua Augusta.

1.2 A Rua Augusta

A Rua Augusta foi construída no final do século XIX para abrigar os casarões da ascendente elite paulistana em um ambiente organizado. Foi somente no começo da década de 1950 que a Rua Augusta adotou o caráter comercial que hoje a caracteriza. Os moradores passaram a se desinteressar pela rua, abrindo espaço para a instalação de pontos de comércio requintados e atraentes. É nesse período que a Rua Augusta ganha destaque como polo cultural e social de São Paulo, atraindo comércio de alto luxo, cinemas, livrarias, restaurantes e danceterias. (SÃO PAULO TURISMO, 2012: p. 34)

A Rua Augusta concentra a pluralidade paulistana: com a sua variedade de atrações, a sua noite traz para um mesmo espaço uma infinidade de atrações e pessoas. A São Paulo Turismo descreve assim a região:

Um dos maiores exemplos da energia transformadora da cidade. Há menos de 10 anos praticamente restrito à decadência de boates voltadas para o público adulto, o chamado Baixo Augusta – trecho da Rua Augusta e cercanias que vai da Avenida Paulista até a Praça Roosevelt – é hoje uma das áreas mais efervescentes da metrópole. Região boêmia e cosmopolita que é uma vitrine da face mais moderna de São Paulo e tem como síntese a riquíssima diversidade humana, comercial e cultural. (SÃO PAULO TURISMO, 2012: p. 34)

Nesse artigo não será abordada a Rua Augusta propriamente dita, mas a experiência que essa rua proporciona, então é possível também descobrir onde, em meio ao caos urbano, ela se refugiou já não como espaço de circulação, mas enquanto lugar e suporte de sociabilidade. Talvez segundo (MAGNANI, 1993) se descubra, por exemplo, que para grupos e faixas etárias específicas, e em determinados horários, seja o espaço bares, boates e lanchonetes que ofereça a experiência da rua; para outros, recantos como galerias e imediações de certas lojas constituem-se como um local de encontro, troca e reconhecimento; a padaria, no final do dia, pode ser o ponto de aglutinação; ou, às vezes, um espaço é hostil ou indiferente durante o dia, mas se torna acolhedor à noite, e assim por diante.

Esta é a riqueza que caracteriza a experiência urbana e que a rua, em sua relação metonímica com a cidade, evidencia. Não se pode ler a cidade a partir de um eixo classificatório único: é preciso variar os ângulos de forma a captar os diferentes padrões culturais que estão na base de formas de

sociabilidade que existem, coexistem, contrapõem-se ou entram em confronto no espaço da cidade. (MAGNANI, 1993)

Nesse mesmo sentido, Da Matta fala da rua que resgata a experiência da diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, à troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares – tudo num espaço público e regulado por normas também públicas. Este é o espaço que se opõe, em termos de estrutura, àquele outro, o do domínio privado, da casa, das relações consanguíneas. (DA MATTA, 1985)

2 A FOTO-RETRATO

Segundo (DUBOIS, 2007), a arte se tornou profundamente fotográfica. O momento em que o artista se desloca para captar as imagens, antes mesmo do ato fotográfico, precisa ser pensado como uma experiência estética, diferente das nossas atividades do cotidiano. (REY, 2009). Segundo Aaraon Scharf: “[...] não se pode duvidar que a fotografia serviu para elevar e reforçar a percepção da natureza e a arte por parte dos artistas” (SCHARF, 2007, p. 14).

Barthes, em relação à fotografia, tem um desejo ontológico: quer saber o que ela é “em si”, qual traço a distingue das outras imagens. Conforme Barthes, a fotografia é única: "O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente". Sendo assim, as fotos retiradas de um momento são memórias de experiências vivenciadas, que se culminam num clique da câmera (BARTHES, 1984: p. 13).

A foto-retrato é uma lembrança do que já ocorreu. O autor ainda indaga sobre a questão da pessoa fotografada. Esta, no retrato do fotógrafo, pode ser ela mesma, pode transmitir a ideia que deseja sobre si mesma e pode ser ainda o que o fotógrafo quer passar:

A Foto-retrato é um campo cerrado de forças. quatro imaginários aí se cruzam, aí se afrontam, aí se deformam. Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu me jugo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exibir sua arte. (BARTHES, 1984: p. 27)

Segundo Barthes (1984), na fotografia jamais se pode negar o seu *registro de realidade* – afinal, a pessoa esteve lá, e o tempo, passado. A realidade e o passado, duas determinantes que só existem na fotografia, como a própria essência, o *noema* da fotografia. “O que intencionalizo em uma foto não é a Arte, nem a Comunicação, é a Referência, ordem fundadora da Fotografia”. A fotografia não fala *daquilo que não é mais*, mas apenas *daquilo que foi*. Barthes diz que essa sutileza é decisiva. Diante de uma foto, a consciência não tem a lembrança de algo, mas tem presente a essência da Fotografia: consiste em ratificar o que ela representa.

Neste sentido busca-se apoio na explicação de REY, (2009, p. 1194) que bem enfatiza:

As fotos tomadas implicam no registro de paisagens por recortes, visto que o dispositivo fotográfico trabalha por subtração. Assim cada foto recorta e isola uma porção da extensão: as imagens extraídas do mundo são fragmentos descontínuos do visível. O enquadramento é um ato que fragmenta o visível; o que o enquadramento revela será sempre alguma coisa de parcial e implicará num resíduo que Dubois chama de fora de campo ou espaço off.

Barthes se refere também à questão de surpreender a pessoa fotografada, isto é, de tirar uma foto sem que a pessoa note, para captar movimentos espontâneos.

Imagino (é tudo o que posso fazer, já que não sou fotógrafo) que o gesto essencial do *Operator* é o de surpreender alguma coisa ou alguém (pelo pequeno orifício da câmara) e que esse gesto é, portanto, perfeito quando se realiza sem que o sujeito fotografado tenha conhecimento dele. Desse gesto derivam abertamente todas as fotos cujo princípio (seria melhor dizer cujo *álibi*) é o 'choque'; pois o 'choque' fotográfico (bem diferente do *punctum*) consiste menos em traumatizar do que em revelar aquilo que estava tão bem oculto, que o próprio ator dele estava ignorante ou inconsciente. Assim, toda uma gama de 'surpresas'. (BARTHES, 1984: p. 54-55)

A Fotografia carrega fantasias do fotógrafo, que tem a função de: representar, informar, surpreender, fazer significar, dar vontade, fazer fluir a imaginação do *Spectator* através de suas fotos. Nesse contexto, ele ainda fala que "no fundo a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é *pensativa*". (BARTHES, 1984: p. 62)

Barthes aborda a questão de que a fotografia fica interessante quando ela é retirada de alguma coisa que não é óbvia, quando o *Spectator* precisa interpretá-la: "o fotógrafo, como um acrobata, deve desafiar as leis do provável ou mesmo do possível; em última instância, deve desafiar as do interessante: a foto se torna "surpreendente" a partir do momento em que não se sabe por que ela foi tirada." (BARTHES, 1984: p. 57)

A descrição de uma imagem nunca é completa", pois, por mais que se privilegie um detalhamento minucioso na tentativa de dizer verbalmente o que se vê na imagem, sempre haverá algo a se perguntar sobre ela, algo que a pessoa que descreve desconhece, esqueceu ou que lhe passou despercebido. (SMIT, 1989: p. 102)

O autor Roland Barthes conclui o seu livro *A Câmara Clara* questionando a sensatez ou a loucura da fotografia:

"Louca ou sensata? A Fotografia pode ser uma ou outra: sensata se seu realismo permanece relativo, temperado por hábitos estéticos ou empíricos; louca, se esse realismo é absoluto e, se assim podemos dizer, original, fazendo voltar à consciência amorosa e assustada a própria letra do Tempo: movimento propriamente revulsivo, que inverte o curso da coisa e que eu chamarei, para encerrar, de *êxtase* fotográfico." (BARTHES, 1984: p. 156-175)

2.1 Flâneur

O ato de caminhar registrando as paisagens foi amplamente experimentado durante as primeiras décadas do século XX, num primeiro momento enquanto forma de antiarte, depois como ato primário de transformação simbólica do território e posteriormente como forma autônoma de arte. (REY, 2009).

Segundo Charles Baudelaire, o significado para flâneur é o de "uma pessoa que anda pela cidade a fim de experimentá-la", e, em contraponto, Walter Benjamin descreve o flâneur como um produto da vida moderna e da Revolução Industrial, sem precedentes, um paralelo com o advento do turismo. Segundo Walter Benjamin, a "rua se torna moradia para o flâneur, que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes" (BENJAMIN, 1989, p. 35)

Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso jubilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais. (BAUDELAIRE, 2006 : p. 857)

Por isso, flunar é deambular, andar sem destino pelas ruas, sem ser notado, não sabendo dizer de onde se vem ou mesmo para onde se vai. Na verdade, flunar, de acordo com Antonio Edmilson Martins Rodrigues, nada mais é do que perambular com inteligência pelas ruas da cidade, numa atitude crítica. (RIBEIRO, 2011:p.1089).

Charles Baudelaire ressaltava que a verdadeira contemplação da cidade em processo de modernização era o submundo da sociedade representado por criminosos, prostitutas, solitários e outros indivíduos rejeitados.

3 ESTUDO DE CAMPO

A pesquisa teve início quando vim morar em São Paulo. Deslumbrada pela diversidade cultural da cidade saía para fazer longas caminhadas a pé pelo centro de São Paulo, com a intenção apenas de caminhar, flunar, conhecer. Escolhi fotografar a rua para poder investigar como se dava o convívio de identidades, e que o método seria perambular pela rua, como um flâneur, experienciando o trajeto e documentando as saídas fotográficas.

A pesquisa foi feita por meio de observação participante, registrada por fotografia de deambulações pela Rua Augusta, com o intuito de captar imagens de pessoas que fazem parte do entretenimento noturno da cidade de São Paulo.

Foram dez saídas, seis com apenas a câmera do celular, e quatro com uma câmera profissional, Nikon D3200, que permite tirar fotos noturnas, sem o uso do flash, para que minha presença não fosse tão notada e para obter a luz noturna sem que houvesse muita interferência do flash. As saídas ocorreram nos dias 24 e 25 de janeiro e 2 e 3 de março de 2013, entre os horários das 22h às 4h da manhã. Foram realizadas em média 200 fotos por cada saída fotográfica, sendo selecionadas 20 fotos de cada saída. O critério para essa seleção

foi a qualidade técnica e o tema comum: diversidade da Rua Augusta.

24 e 25 de Janeiro - Flanar pela Augusta

No aniversário da cidade de São Paulo participei da Jornada Fotográfica, uma saída mensal que reúne fotógrafos amadores e profissionais, organizada por André Douek, fotojornalista e técnico de Curadoria e Programação do Museu da Cidade de São Paulo da Secretaria Municipal de Cultura. Nesta edição, que foi denominada Jornada Fotográfica São Paulo 24 Horas 2013, o tema eram as festas em homenagem à cidade, as suas ruas mais emblemáticas e o público presente. Para cada horário, havia eventos para escolher e um trajeto específico – como a ida ao Mercado de São Paulo, à Praça Roosevelt, etc. Um deles, de madrugada, propunha fotografar a Augusta, e este foi o trajeto escolhido – as fotos deste evento, registradas por diferentes fotógrafos, estão disponíveis no website da Jornada Fotográfica: http://andredouek.blogspot.com.br/2013_01_01_archive.html. O anúncio para participar da Jornada Fotográfica era o seguinte:

Do próximo dia 24 de janeiro, a partir das 18h, até o dia 25 às 18h, a Jornada Fotográfica vai comemorar o aniversário da cidade de São Paulo que, no dia 25, completa 459 anos de sua fundação.

A ideia é documentar a cidade durante 24 horas e disponibilizar as imagens em tempo real através da internet.

O ponto de encontro será no Telecentro Olido - Cibernarium que fica na Avenida São João, 473, Centro – Próximo das estações República, Anhangabaú e São Bento do metrô. Lá teremos computadores para descarregar as fotos e fazer a publicação. A proposta é que durante as 24 horas tenhamos grupos saindo de hora em hora e que cada grupo volte depois de três horas para descarregar as fotos. É possível participar de vários grupos.

O participante deve trazer a carteira de identidade (RG) para ter acesso ao Telecentro e, se possível, o leitor de cartão, para poder descarregar as fotos.

(JORNADA FOTOGRAFICA. Disponível em:

http://andredouek.blogspot.com.br/2013_01_01_archive.html). Acessado em: 09 mai. 2013)

Do Telecentro Olindo, dirigi-me ao metrô Consolação, iniciei o meu percurso fotográfico às 23h e finalizei a atividade às 9h da manhã, junto a um grupo de três pessoas. As fotos foram tiradas do encontro entre as ruas Augusta e Av. Paulista até a Baixa Augusta.

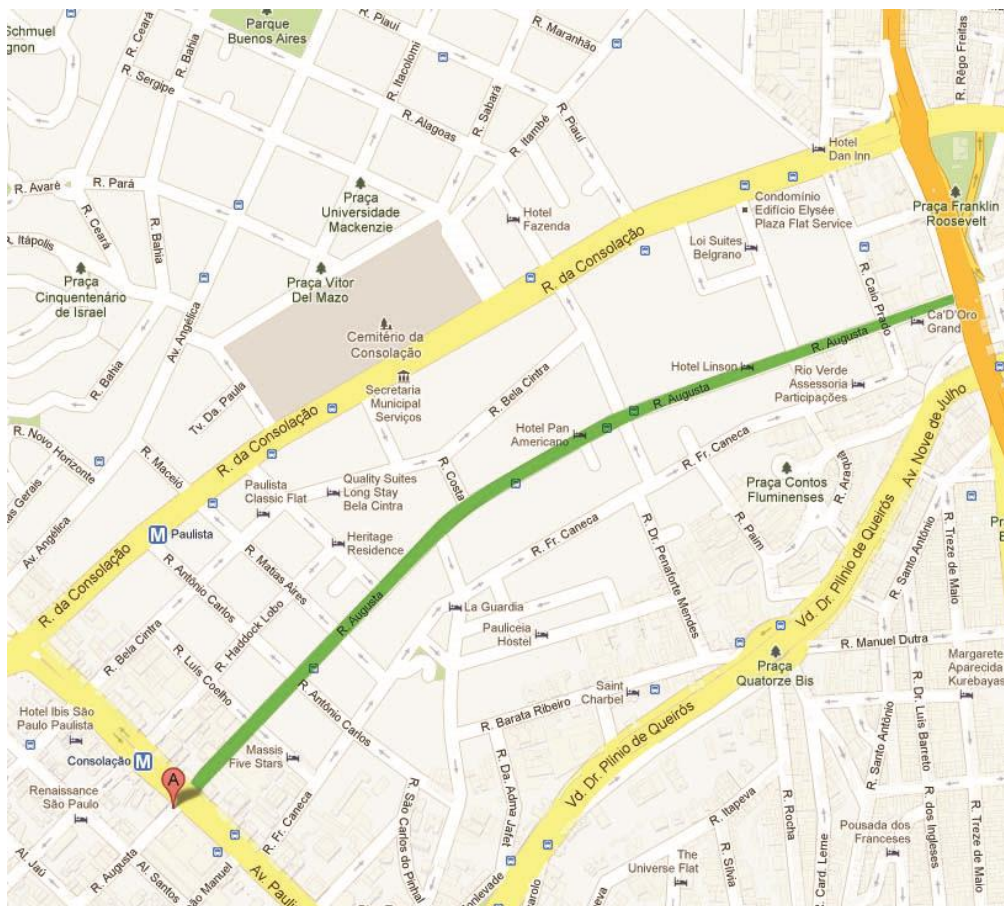


Figura 1 - Caminho percorrido, em verde.

Essa primeira jornada foi em um dia de semana, véspera de feriado, e no começo da noite: havia muita gente voltando do trabalho, procurando algum meio de diversão. O grupo não tinha uma temática ou um objeto específico para fotografar. Inicialmente, o tema era a noite na rua Augusta, mas não sabíamos o que retirar de essencial desta rua.

O tema mais evidente era a diversidade da Rua Augusta, onde se consegue experimentar os quatro continentes em um mesmo espaço: em apenas uma noite, nota-se a coexistência de várias culturas, etnias, classes sociais e a diversidade sexual. Na Augusta é possível começar a noite em um barzinho latino, depois entrar em uma danceteria de samba-rock e terminar em uma boate de *strip-tease*. A Rua Augusta é o lugar das possibilidades, da pluralidade, lá você vivencia múltiplas experiências.

No trajeto, encontramos vários elementos e personagens que animam a noite da rua, como esta mulher, que caminhava fantasiada, segurando um grande guarda-chuva colorido e com uma cesta de doces, que anunciava por microfone.



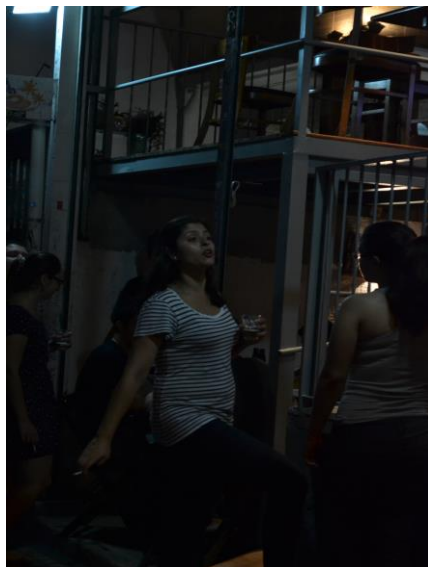
**Figura 2 - A Baiana
autora**

Também descobrimos fotógrafos que não participavam da Jornada, mas estavam captando imagens da rua, e foi interessante interagir com fotógrafos que tinham um outro olhar em relação à rua.

Percebemos que aquele local representa também sossego para uns e agitação para outros. Como fica próximo à Avenida Paulista, muitos grupos de pessoas se encontram por lá depois do trabalho para conversar com os amigos, tomar uma cerveja e fumar um cigarro.

Mas a noite chegou. É a hora estranha e ambígua em que se fecham as cortinas do céu e se iluminam as cidades. Os revérberos se sobressaem sobre a púrpura do poente. Honestos ou desonestos, sensatos ou insanos, os homens dizem consigo: ‘Enfim acabou-se o dia!’ Os plácidos e os de má-índole pensam no prazer e todos acorrem ao lugar de sua preferência para beber a taça do esquecimento. (BAUDELAIRE, 206 : p. 858)

Quando fotografamos esses grupos, tivemos a sensação de estar invadindo a privacidade deles, pois percebemos que não se sentiam bem ao serem fotografados. Alguns se esconderam e demonstraram certo incômodo, o que fez com que nosso grupo parasse imediatamente de fotografar e continuasse flanando pela Rua Augusta, andando, experimentando o caminho, sem ter noção pré-determinada do que iria fotografar.



**Figura 3 - Expurgo
autora**

Quando se chega à Baixa Augusta, as pessoas são mais permissivas, deixando o fotógrafo mais à vontade, fazendo com que haja uma interação maior entre fotógrafo e fotografado. Observamos que havia uma faixa etária mais adulta que escolhia a rua como ponto de encontro para jantar, outra mais jovem presente em danceterias, outros apenas passavam para fazer um lanche.



**Figura 4 - O encontro
autora**

Descendo a rua mais um pouco, fomos encontrando grandes filas para entrar em uma danceteria ou bares com apresentações de comédia ao vivo. As pessoas também ingeriam bebidas alcoólicas, rindo à toa, mas quando eram surpreendidas sendo fotografadas, olhavam com desconfiança, e isso fez com que nosso grupo continuasse a descer a rua, para encontrar um lugar onde fôssemos mais bem recebidos.

Com o passar das horas, as pessoas que encontrávamos na frente de bares e danceterias já estavam mais receptivas, pois estavam embriagadas. Algumas, quando percebiam que estavam sendo fotografadas, já posavam para as fotos, querendo registrar aquele momento – sobre isso, Barthes afirma: "Toda fotografia é um certificado de presença." (BARTHES, 1984: p. 129)

Durante a madrugada, entramos em um bar-danceteria, mas a pista de dança ainda estava vazia. Começamos a fotografar, e as pessoas que estavam na pista pararam e ficaram retraídas, e nos sentimos mais uma vez reprimidos. Tentamos deixar de lado as câmeras e interagir com o público, dançar um pouco na pista para ver se as pessoas se sentiam mais à vontade com a gente, mas não houve uma reação positiva por parte deles.

Saímos do bar e encontramos muita gente na frente das baladas que saíam para fumar. Algumas iniciavam conversas com o nosso grupo e ficamos fotografando na frente dessa balada e trocando experiências com essas pessoas. Algumas eram da área de Artes e Publicidade. Com estas pessoas tivemos a primeira experiência de interação recíproca na noite.

Chegamos à Baixa Augusta, passamos em frente a uma boate de *strip-tease*, atravessamos e fotografamos a fachada da boate. Alguns instantes depois, percebemos que, do outro lado, na frente da boate, o segurança estava nos fotografando, como forma de afronta, uma maneira sutil de expressar incômodo e invasão de privacidade.

Saímos e continuamos procurando mais motivos para fotografar, e de longe vimos um grupo de prostitutas, que abordavam carros. Ficamos fotografando de longe, com muito *zoom* para pegar movimentos espontâneos, mas minutos depois fomos surpreendidos com uma prostituta correndo atrás da gente com um sapato de salto alto. Resolvemos então encerrar as

nossas atividades da Jornada.

A primeira Jornada na Augusta foi uma saída exploratória, de reconhecimento da rua: estava apenas passando, caminhando e fotografando o que me chamava a atenção. Nesta saída, as fotos foram reflexo de um olhar tímido, apenas observador, faltou mais interação do sujeito fotografado com o fotógrafo.

Com esta primeira caminhada, o tema mais aparente foi a questão da liberdade, da libertinagem: “Será que naquela rua as pessoas se sentem livres?”, “Sentem-se à vontade para fazerem o que quiserem?”, “É um lugar de permissão, onde não há proibição?”, “Lá é onde as pessoas sentem que ‘o céu é o limite’?”. Estas e outras questões deram início à pesquisa.

Dia 20 de fevereiro

Dia 1 de março criei um evento no Facebook, rede social *online* que conecta pessoas de todas as partes do mundo, com a intenção de convidar amigos fotógrafos. Este era o anúncio do evento no Facebook:

Galera da fotografia, bora sábado que vem fotografar a Rua Augusta? O foco é fazer imagens do entretenimento noturno, da diversidade da Augusta, da paisagem urbana, da pluralidade, da paixão, da alegria, da liberdade, da permissão, da sensualidade, da intensidade, da variedade e da não-repressão. Bom, isso é só uma ideia, mas vcs podem ficar livres para o tema de vcs. Vamos nos encontrar no metrô Consolação, na catraca. A ideia é virar a noite fotografando. E fiquem à vontade para convidar mais gente.

Foram convidadas cerca de 100 pessoas que de alguma forma têm vínculo com as artes, fotógrafos profissionais e amadores. No dia do evento choveu muito e ficou inviável a descida na rua augusta. O evento foi adiado, e remarcado para o dia 3 de março.

Dia 2 e 3 de março - O convite

No dia 3 de março, compareceram apenas três pessoas. Começamos a andar pela

Augusta de baixo para cima, partindo da Praça Franklin Roosevelt e subindo a rua até a Avenida Paulista, o oposto da primeira Jornada.

Entramos no espaço cultural Tapuia, deixamos o nosso material sobre uma mesa e ficamos fotografando o local com olhar de observador neutro, movidos pelos acontecimentos do evento. As pessoas ficavam muito à vontade quando eram surpreendidas pela fotografia, e observamos que o tipo de grupo que ocupava aquele espaço era mais da área de arte, cultura e entretenimento, talvez por esse motivo o ato de tirar fotos neste evento foi mais bem aceito.

Com o passar das horas, saímos do espaço Tapuia e continuamos a flunar pela rua, indo atrás de outros temas e perspectivas. Baudelaire descreve a atividade de caminhar pelas ruas livremente da seguinte forma:

... E ele sai! E observa fluir o rio da vitalidade, tão majestoso e brilhante. Admira a eterna beleza e a espantosa harmonia da vida nas capitais, harmonia tão providencialmente mantida no tumulto da liberdade humana. (BAUDELAIRE, 2006 : p. 858)

Estávamos fotografando a arquitetura, a arte urbana, a publicidade e o caos da rua, quando fomos surpreendidos por uma briga de *skinheads*. Paramos de fotografar, pois seria muito arriscado documentar este tipo de ação na Augusta, apenas observamos e percebemos que em uma rua cabem muitas culturas e classes sociais, mas estas às vezes se estranham – Stuart Hall, ao abordar a *dialética das identidades*, levantava este problema, como uma das consequências da globalização:

O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas. (HALL, 2006: p. 85)

Paramos na frente de uma danceteria GLS, onde o público é predominantemente constituído por gays, lésbicas e simpatizantes, e logo o que mais chamou a atenção foram duas meninas se beijando, intensamente – tinha um fotógrafo da danceteria que as fotografava, e ela posavam para ele. Barthes, em seu livro *A Câmara Clara*, refere-se à questão de se posar para um retrato: "Ora, a partir do momento em que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a posar, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem." (BARTHES, 1984: p. 22)

A intensidade do momento que elas estavam vivendo ficou registrado por dispositivos mecânicos, como Barthes afirma sobre a questão de que a fotografia reproduz ao infinito o que só ocorreu uma vez: “ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 1984: p.13). Aquele beijo não vai ocorrer mais no mesmo lugar, na mesma hora e da mesma forma. O sentimento daquele momento é mutável, a paixão e o desejo podem diminuir, mas a foto tem o poder de mostrar que aquilo de alguma forma existiu.

Percebemos que as duas garotas notaram que estavam sendo fotografadas por fotógrafos além daqueles contratados pela danceteria, mas elas não se importaram com isso, continuaram posando e beijando intensamente.

Ficamos parados, observando a entrada da danceteria. Tinha muita gente saindo e entrando, muito alegres – fotografamos o que nos pareceu mais intenso e boêmio da Rua Augusta. Neste momento, fomos convidados pelo dono da festa para entrar e fotografar à vontade. Resolvemos entrar, não mais com olhar de observador, e sim interagindo, experimentando toda a intensidade de sentimentos, dançando e conversando com as pessoas fotografadas. Isso fez com que nos sentíssemos dentro da fotografia, merecedores também deste momento: fumaça, cores, liberdade, música, dança e sensualidade: tudo num só lugar e momento, estávamos experimentando a Augusta. Mesclamos momentos de interação e observação, nos sentimos bem recebidos e à vontade para fotografar. Naquele lugar, as pessoas se sentem livres, múltiplas ideias são mais aceitas. Talvez a forma de pesquisar a Rua Augusta mais real seja vivenciando-a.

Tiramos algumas fotos da dança, do beijo, do abraço, da despedida... O que a fotografia reproduz é o que realmente aconteceu? Barthes afirma que “a fotografia não rememora o passado (não há nada de proustiano em uma foto). O efeito que ela produz em mim não é o de restituir o que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de atestar que o que vejo de fato existiu”. (BARTHES, 1984: p. 123).

O resultado da saída fotográfica desse dia foram fotos intensas, reflexo da interação entre a fotógrafa e as situações vividas. *Dose Dupla* é um exemplo disso:



Figura 5 - Dose Dupla.
autora

A foto a seguir nos remete à questão da repressão: embora eles estejam se beijando livremente, por trás da foto há uma placa de trânsito com o sinal de proibido. Essa foto representa a questão da homofobia, muito existente ainda nos dias de hoje e que divide opiniões, entre variados públicos, o que repercute inclusive na legalização da união homoafetiva.



Figura 6 - Beijo Proibido
autora

Neste dia também registramos fotos que captaram sentimento vividos na Rua Augusta: intensidade, prazer e liberdade, uma mistura de sensações e de experimentos, uma interação do fotógrafo com o sujeito fotografado. Em parte, isso se deve à distância entre o fotógrafo e o sujeito fotografado: na medida em que as fotos são tiradas mais de perto, pode-se captar com maior sensibilidade os momentos vivenciados. A cidade deixa de ser um simples cenário no momento em que ela é vivida, experimentada.



Figura 7 - O Abraço
autora

EXPOSIÇÃO

Será realizada uma exposição fotográfica no espaço Tapuia, centro cultural localizado na Rua Augusta, número 339, em São Paulo. Este local foi escolhido por estar situado na própria Rua Augusta, e ainda por ter sido um dos locais fotografados. A exposição será produzida nas quatro salas expositivas deste espaço.

Ao todo serão exibidos os resultados de vinte saídas fotográficas, ocorridas em diferentes dias e horários da noite. Nessas saídas fotográficas, em média são feitas 200

fotografias. No final será feita uma seleção de cinquenta fotos retiradas dessas saídas, que retratem o tema da diversidade cultural na Rua Augusta.

As fotografias serão emolduradas seguindo um mesmo padrão visual, e as cinquenta fotografias serão distribuídas de maneira uniforme entre as quatro salas do espaço Tapuia. Na inauguração da exposição serão convidados os diversos grupos que compõem e coexistem na Rua Augusta, com a finalidade de promover uma interação entre estes diferentes grupos.

Meu trabalho culmina na exposição fotográfica, em que, além de fazer o papel de artista e fotógrafa, irei trabalhar ainda como gestora cultural, organizando este evento em que tentarei promover interações de diferentes grupos que, de alguma forma, participaram do meu projeto fotográfico. Com isso farei o meu papel de gestora cultural que segundo (Cunha 2007) é de: definir programas políticos e culturais a frentes das instituições públicas e coordenando projetos culturais, gestionando assim espaços e grupos artísticos, sendo então estratégico, planejador e articulado, com isso sendo um profissional agregador e mobilizador, materializando assim a sensibilidade artística.

Dia	Observação	Comentário
Dia 24 e 25 de janeiro	Participei da Jornada Fotográfica São Paulo 24 Horas 2013. Escolhi fotografar a R. Augusta em grupo, às 22h, véspera de feriado, com a finalidade de encontrar a temática para as fotos noturnas desta rua.	Algumas pessoas se incomodaram com a presença do grupo, e outras posaram para fotos. Percebi que, quanto mais descia a rua e quanto mais ficava tarde, mais as pessoas ficavam receptivas.
Dia 20 de fevereiro	Criei um evento no Facebook com a intenção de convidar amigos para participar dessa experiência de fotografar a Rua Augusta.	Das cem pessoas convidadas, apenas três aceitaram participar do evento, pois chovia no dia agendado e alguns estavam sem câmera fotográfica naquele momento.
Dia 2 de março	Realizei o evento que promovi no Facebook, a “Jornada Fotográfica na Rua Augusta”. Entrei em uma festa no espaço Tapuia.	Fotografei o evento, a maioria do público era de Gestão Cultural, Artes e Teatro. Estava nessa festa apenas registrando e observando.
Dia 3 de março	Sai flinando na madrugada, na Augusta, com minha câmera fotográfica.	Fiz algumas imagens fotográficas das pessoas que passavam por mim, parei na frente de uma balada GLS e fui convidada pelo dono para entrar e fotografar à vontade.

		Entrei no espaço fotografando e vivenciei as experiências intensas deste local.
--	--	---

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens obtidas e as reflexões referentes ao ensaio fotográfico mostram uma maneira de ver a Rua Augusta. Outras pessoas podem ter pontos de vista diferentes e que também são aceitos, porque cada um passaria pela experiência de fotografar a rua de uma forma, conforme o que lhe chamasse a atenção e o que encontrasse pelo seu caminho.

A foto *Dose Dupla* constituiu um marco neste trabalho, deu permissão à outra etapa do mesmo, pois assim se deu o convite de entrar, participar e experimentar a Rua Augusta. Foi um encontro imprevisto, mas que propiciou toda espécie de trocas que permitiu tirar fotos em uma distância mais curta. Esta foto impactou: inicialmente eram registradas apenas fotos parciais, com um olhar observador e de temas variados neutros, documentando o que se encontrava. Depois, foram captadas imagens mais intimistas, que permitiram uma série de fotos retratando como tema a pluralidade da metrópole paulistana.

De acordo com o que vi o tema mais comum da Rua Augusta é a sua diversidade: se você chega no começo da noite para fotografar, não terá muita receptividade, já no final da noite, quando as pessoas estão saindo das festas, alegres ou embriagadas, elas tendem a não se importar em serem fotografadas, algumas até fazem pose para as fotos, com intuito de eternizar aquele momento, mostrar à sua rede de relacionamentos que aquele instante existiu. A presença do fotógrafo também incomodou às vezes, mas, em algumas ocasiões, fomos bem recebidos, o que se refletiu nas fotos. A Rua Augusta traz essa diversidade e pluralidade de grupos que se suportam e coexistem diariamente, ainda que às vezes um grupo ignore o outro ou que estes grupos se confrontem.

Como apontou Stuart Hall, com a pluralidade de identidades, que agora têm maior possibilidade de se articularem, pode haver interações positivas ou negativas, que foi o que vivenciamos e, algumas vezes, registramos em foto.

Como resultado deste projeto, pretende-se criar uma exposição com as fotografias registradas nas diferentes Jornadas, realizadas na Rua Augusta. O local escolhido será o Espaço Tapuia, um dos espaços fotografados em uma das saídas fotográficas, retratando o tema da diversidade paulistana.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUMAN, Z. **Arte, líquido?**. Madrid: Sequitur, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Editora Zahar, 2001.
- BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. In: ADORNO et al. Teoria da Cultura de massa. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- BENJAMIN, W **Paris, capital do século XIX e A Paris do Segundo Império em Baudelaire in Walter Benjamin**, Kothe, F. (org.) São Paulo, Atica, 1985.
- BAUDELAIRE, C. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. Do “burgo de estudantes” à cidade dos barões do café. In: PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo: a cidade no Império 1823-1889**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. v.1, p. 16-20.
- _____. Teatros, casas de espetáculo, música. In: PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo: a cidade no Império 1823-1889**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. v.1, p. 271-275.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- DA MATTA, ROBERTO. **A casa e a rua**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- D’ALESSIO, Pedro. **São Paulo cidade espetáculo: metrópole da diversidade brasileira**. São Paulo: Editora Dialetto, 2008.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920/1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 10 ed. Papirus Editora, 2007.
- FLOREAL, Sylvio. **Ronda da meia-noite: vícios, misérias e esplendores na cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GABLER, Neal. **Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LEONARDE, A. **Entretenimento Noturno como objeto de estudo acadêmico: o deslocamento da identidade de São Paulo por meio de sua vida noturna**, São Paulo: XII Seminário, 2011.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese (orgs.). **Jovens na metrópole: etnografias de circuito de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca. **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp; FAPESP, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **A rua e a evolução da sociabilidade**. Cadernos de História de São Paulo 2, Museu Paulista- USP, 1993.

MIRANDA, Jair Martins de. **Ciclos de produção e cadeias produtivas na cultura**.
PRESTES FILHO, Luiz Carlos; CAVALCANTI, Marcos do Couto. **Economia da cultura: a força da indústria cultural no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.
PONTES, José Alfredo Vidigal. São Paulo, 1860 a 1930: a grande mutação urbana. In: _____. **São Paulo de Piratininga: de pouso de tropas a metrópoles**. São Paulo: O Estado de São Paulo; Editora Terceiro Nome, 2003.
REY, S. A Paisagem enquanto experiência estética e seu desdobramentos num projeto artístico. **Anais do 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Transversalidades nas Artes Visuais – 21 a 26/09/2009 - Salvador, Bahia n. 18, 2009.
RIBEIRO, Claudia G. **A cidade pelos olhares de Charles Baudelaire e Mario de Andrade**. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.
SCHARF, A. **Arte y fotografia/ Art and Photography**. Alianza Editorial Sa, 2007.
SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
SMIT, Johanna W. **Análise documentária: a análise da síntese**. 2º edição. Brasília: IBICT, 1989.
A análise da imagem: um primeiro plano, p. 101-113.
TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. **Entretenimento: uma crítica aberta**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

WEBGRAFIA

SÃO PAULO TURISMO. **São Paulo – guia do profissional de turismo**. São Paulo, 2012. Disponível em:
<<http://imprensa.spturis.com.br/wp-content/uploads/downloads/2013/03/Manual-Mice1.pdf>>. Acessado em 22 abr. 2013.
SÃO PAULO TURISMO. **São Paulo – cidade criativa – roteiros temáticos**. São Paulo, 2012. Disponível em:
<<http://imprensa.spturis.com.br/wp-content/uploads/downloads/2013/03/Roteiro-Cidade-Criativa.pdf>>. Acessado em 22 abr. 2013.